

A unidade europeia para a paz

Publicação: [O Mundo em Português Nº56](#)

Data de Publicação: Setembro/Outubro de 2004

Autor: José Calvet de Magalhães

Quando, em 1941, ingressei na carreira diplomática, a guerra na Europa seguia o seu curso macabro. As forças alemãs, num blitz krieg, haviam destroçado as forças militares francesas e pareciam imbatíveis. A Inglaterra, visada pelos alemães, mantinha-se numa resistência obstinada, com o auxílio discreto dos americanos. Para o final do ano deu-se o traiçoeiro ataque da aviação japonesa à esquadra americana ancorada em Honolulu. E a América do Norte, apesar do seu tradicional isolacionismo, foi arrastada para a guerra naval no Pacífico. Adivinhando o desejo íntimo de Roosevelt de intervir na guerra da Europa, Hitler cometeu o erro espantoso de declarar guerra à América. A partir daí a poderosa máquina industrial americana transformou-se rapidamente numa colossal indústria de guerra, produzindo aviões, barcos, tanques e toda a qualidade de armas em quantidades inimagináveis permitindo ajudar mais amplamente a Inglaterra e ainda a União Soviética que, entretanto, entrara também em guerra em virtude da invasão alemã no seu território, rompendo o farsico pacto germano-soviético assinado em 1939.

Portugal era um país neutral e não era atingido directamente pelas operações militares embora sofresse, como outros países neutros, os efeitos da guerra, sobretudo no que se refere ao abastecimento de produtos essenciais. Uma parte dos portugueses de então seguia as operações militares com um misto de espanto e ansiedade, mas a grande maioria mostrava-se indiferente ao grande drama que se desenrolava na Europa, em que morriam milhões de homens e se produziam terríveis ruínas. Terminada a guerra, um grande número de políticos da Europa ocidental, de todas as facções políticas e nacionalidades, reuniu-se na Haia e preconizaram uma integração europeia de modo pacífico, para que os países da Europa ocidental, unidos por fortes laços, jamais pudessem degladiar-se entre si. Para isso se realizar era essencial conseguir uma reconciliação entre a França e a Alemanha, dois grandes países europeus com um passado de trágicas tentativas hegemónicas. Esse milagre foi conseguido pela criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, obra genial de Jean Monnet, com o

beneplácido político de Robert Schuman, ministro dos Negócios Estrangeiros da França.

É esta a pedra angular do edifício europeu, facto que é geralmente esquecido quando se fala da União Europeia. Se me refiro sucintamente a estes factos é para recordar às gerações de hoje que o projecto europeu teve na sua base uma ardente vontade de assegurar a paz entre os países europeus ligando-os por fortes laços, e as actuais funções da União Europeia de tentar uniformizar as normas que regem as produções, e com a aceitação da moeda única, as administrações financeiras, com a ajuda ao desenvolvimento dos países menos evoluídos, são funções importantes mas complementares e derivadas da ideia básica de evitar a guerra entre países europeus, cimentando os laços entre eles e procurando evitar grandes disparidades em todos os aspectos entre os respectivos Estados membros. Aqueles que baseando-se em funções complementares da União Europeia afirmam outra coisa ou não estudaram convenientemente o projecto europeu ou tentaram desinformar o público pouco instruído nestas matérias. São em geral indivíduos embuidos de um nacionalismo ideológico doentio e anacrónico, que olham para os organismos internacionais, especialmente para o grande projecto de integração europeia, como uma ameaça ou mesmo uma subtracção da soberania nacional.

O nacionalismo ideológico é um vício do espírito que possui uma memória selectiva que funciona em vários sentidos conforme a conveniência do momento. Vejamos por exemplo o caso de Napoleão. Não há dúvidas de que ele foi um grande génio militar e também um homem notável em muitos outros aspectos. Os franceses orgulham-se geralmente em lembrarem Napoleão. Mas o Napoleão que lembram é o Napoleão de Austerlitz, de Friedland e de Wagram, das grandes glórias, não é o Napoleão da dramática retirada da Rússia, de Waterloo e do desterro para a ilha de Santa Helena e da triste morte nesse exílio distante, longe de todo o mundo. Entendamo-nos pois. A União Europeia não é apenas a União de normas incómodas e dos auxílios ao desenvolvimento. A União Europeia nasceu do desejo veemente de assegurar a paz na Europa e é essa que continua a ser a sua essência. Deixemos os ignorantes e os profetas da desgraça pregar outra coisa. Por vezes eles falam de Bruxelas como se Bruxelas fosse o inimigo, a fonte das nossas desgraças e inimiga da nossa soberania, esquecendo-se que Bruxelas somos nós próprios, que nós somos membros de Bruxelas e temos uma voz no Conselho de Ministros que superintende aos assuntos da União, onde as decisões são tomadas em geral por consenso e se, por acaso, forem tomadas por maioria são-no na base de um sistema decisório por nós previamente aprovado. A nossa soberania é, pois, sempre assegurada. Quanto ao argumento de que Portugal é

um país relativamente pequeno, com pouca influência nos debates com os grandes países, isso é tão verdade como se estivéssemos fora da União – e deve dizer-se que certamente teremos mais dificuldade em encontrarmos aliados nas nossas divergências com as grandes nações se estivermos fora da União.

Uma manifestação infeliz da incompreensão da essência da integração europeia é a atitude tomada pela Noruega em relação à União Europeia. A Noruega é um país dividido no que respeita à participação na União. Sensivelmente metade dos noruegueses gostaria de ver o seu país aderir à União. A outra metade pensa em sentido contrário, dominada pelo rendimento nacional elevado, sobretudo após a descoberta de importantes poços de petróleo no mar do Norte, na zona económica exclusiva da Noruega. Para resolver a questão, a Noruega levou a cabo um referendun em que os partidários do «não» ganharam por uma pequena maioria, usando sobretudo o argumento que a União Europeia não lhe forneceria certamente vantagens materiais. Foi uma decisão infeliz e certamente criticável que esqueceu a recente história da Europa, a génese da integração europeia e a própria história da Noruega. Este país, na grande guerra europeia, foi um país ocupado por forças militares alemãs. A posição da Noruega é tanto mais absurda quando se pensa que países que não foram vítimas directas da guerra, como a Irlanda, Portugal, Espanha e a Suécia são membros da União. A Noruega beneficia assim de paz assegurada por essa mesma União embora para ela nada contribua. Coloca-se voluntariamente numa posição que diríamos parasitária. É uma posição pouco prestigiosa que espero seja corrigida num futuro referendo.